



Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Conferência das Partes da CMNUCC - Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 08/11/2018



Recuperação da camada de ozônio dá esperança para ação climática, indica relatório

Camada de ozônio protege planeta Terra da radiação ultravioleta. Foto: NASA

Um novo relatório apoiado pela ONU indicou na segunda-feira (5) a recuperação em andamento da camada de ozônio, o que foi visto como uma inspiração para ações climáticas mais ambiciosas e uma demonstração de que acordos globais podem alcançar suas metas.

O estudo, “Scientific Assessment of Ozone Depletion: 2018”, é o mais recente de uma série de relatórios divulgados a cada quatro anos que monitora a recuperação do ozônio na estratosfera, uma camada que protege a Terra dos raios ultravioletas.

O documento mostrou que a concentração de substâncias que reduzem o ozônio continua diminuindo, levando a uma recuperação da camada desde a última avaliação, feita em 2014.

O ozônio em partes da estratosfera se recuperou a uma taxa de 1% a 3% desde 2000 e, segundo projeções, o ozônio do Hemisfério Norte e de latitude média deve se recuperar completamente até 2030, seguido pelo Hemisfério Sul na década de 2050 e regiões polares na década de 2060.

Isso acontece por conta de ações internacionais tomadas sob o Protocolo de Montreal, estabelecido há mais de 30 anos como resposta à revelação de que clorofluorocarboneto (CFC) e outras substâncias que reduzem ozônio — usadas em aerossóis, refrigeradores, sistemas de refrigeração e muitos outros itens — estavam criando um buraco na camada de ozônio.

Em 2019, o protocolo deve ser fortalecido com a ratificação da Emenda de Kigali, que pede que o uso futuro de gases nocivos à camada de ozônio em refrigeradores, ar-condicionados e produtos relacionados seja cortado.

“O Protocolo de Montreal é um dos acordos multilaterais mais bem sucedidos da história por uma razão”, disse Erik Solheim, chefe da ONU Meio Ambiente. “Esta mistura cuidadosa de ciência competente e ação colaborativa que definiu o Protocolo há mais de 30 anos e deve recuperar nossa camada de ozônio é precisamente o motivo da Emenda de Kigali ser tão promissora para ação climática no futuro”.

As descobertas fornecem um vislumbre de esperança, menos de um mês após o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) descrever os efeitos devastadores de um aumento de 2°C da temperatura global em comparação a níveis pré-industriais. O secretário-geral da ONU, António Guterres, descreveu o documento como um “ensurdecido grito de alerta”.

Os autores do relatório descobriram que, se a Emenda de Kigali for totalmente implementada, o mundo pode evitar até 0,4% de aquecimento global neste século, o que significa que isto irá desempenhar uma função essencial em manter o aumento da temperatura global abaixo de 2°C.

FONTE:<http://conf.montreal-protocol.org/meeting/mop/mop30/presession/Background-Documents/SAP-2018-Assessment-ES-October2018.pdf>



EUA: Por que tantas pessoas nunca podem se recuperar do furacão Michael?

De Eleanor Goldberg

Que um grande desastre natural possa lançar uma família que vive nas margens em uma espiral descendente faz sentido. A maioria dos americanos hoje em dia não pode sequer pagar por uma emergência menor. De acordo com um relatório de janeiro do Bankrate, um site que fornece consultoria financeira, apenas 39% dos entrevistados disseram que poderiam cobrir uma conta inesperada de US \$ 1.000 com fundos de suas economias. A maioria dos outros entrevistados disse que não teria escolha a não ser pagar com cartão de crédito, pedir emprestado à família e amigos ou obter um empréstimo.

Os furacões são particularmente punitivos devido aos custos exorbitantes associados à preparação adequada.

As pessoas de baixa renda são mais propensas a viver em áreas suscetíveis a choques de tempestades e a residir em casas construídas que não podem resistir a grandes

danos, segundo um relatório da BrookingsInstitution do ano passado . Em Houston, por exemplo, os bairros de baixa renda foram os mais atingidos por Harvey, em grande parte porque a cidade gasta mais em infraestrutura nos bairros mais ricos . Áreas de baixa renda também são menos propensas a ter aterros, sistemas de drenagem e outras medidas que possam protegê-las de águas revoltas.

Este grupo demográfico também é menos provável de ser capaz de pagar seguro de inundação, pelo qual pode ser penalizado.

Para aqueles sem seguro de carro ou pessoal, não é preciso nem perder um item caro para arruinar as finanças de uma família. Ter que de repente chegar a algumas centenas de dólares para substituir uma geladeira que quebra durante uma tempestade pode ser o fator que leva a família a cair em parafuso, disse Brian Greene, presidente e CEO do Houston Food Bank. Nesses casos, as famílias com problemas podem recorrer à procura de empréstimos do dia de pagamento - empréstimos a juros altos com taxas baseadas no perfil de crédito e renda do devedor. As taxas de juros anuais estão em torno de 400% e podem afundar as famílias em dívidas inescapáveis.

FONTE:https://www.huffingtonpost.com.au/entry/poor-people-hurricane-michael-recovery_us_5bc8a498e4b0d38b5875ce60

A maioria dos americanos não tem economias suficientes para cobrir uma emergência de US \$ 1 mil

FONTE:<https://www.bankrate.com/banking/savings/financial-security-0118/>



EUA: Cultura influencia fortemente os comportamentos de enfrentamento após desastres

As diferenças demográficas e culturais influenciam fortemente os estilos de enfrentamento que os jovens usam quando são afetados por um desastre, e essas disparidades devem ser levadas em conta ao fornecer serviços para ajudá-los a se recuperar dessas experiências traumáticas, descobriu um novo estudo.

Professores de trabalho social da Universidade de Illinois, Tara M. Powell e Kate M. Wegmann, lideraram o estudo, que utilizou um novo método para avaliar o enfrentamento entre jovens afetados por desastres para abordar as limitações de uma pesquisa comumente usada chamada Kidcope.

"Sabemos que a maneira como uma criança lida depois de um desastre determina quão bem eles vão superar a experiência ou se eles desenvolvem problemas como transtorno de estresse pós-traumático, depressão ou ansiedade", disse Powell. "No entanto, uma das coisas que não sabemos é a melhor medida que pesquisadores e

médicos podem usar para avaliar os métodos de enfrentamento dos jovens após o desastre."

O estudo atual explorou as estratégias de enfrentamento usadas por meninas adolescentes de classe média na paróquia de St. Tammany, uma área afluenta de Nova Orleans, depois que a área foi danificada pelo furacão Katrina em 2005. Das 650 meninas do estudo, cerca de 82% relataram que o furacão obrigou suas famílias a evacuar suas casas.

Seis meses após o Katrina, as meninas completaram uma versão adaptada da avaliação Kidcope, uma pesquisa amplamente usada por clínicos e pesquisadores para examinar o uso de comportamentos de crianças e adolescentes, como distração, retraimento social e apoio social para lidar com grandes estressores, incluindo desastres.

No entanto, uma limitação do Kidcope é que ele foi projetado para uso em ambientes clínicos para examinar os jovens lidando com doenças graves e hospitalizações prolongadas - contextos que diferem dos desastres, os pesquisadores escreveram.

Quando usada em estudos anteriores para avaliar o enfrentamento entre jovens afetados por furacões, a modelagem estrutural do Kidcope foi variável e instável, de acordo com Powell e Wegmann. Para resolver essas inconsistências, eles e a co-autora Stacy Overstreet, da Universidade de Tulane, testaram três modelos estruturais diferentes para encontrar o melhor ajuste com a população de estudo de jovens sobreviventes de furacões.

Eles descobriram que as estratégias de enfrentamento utilizadas pelas meninas na paróquia de St. Tammany assemelhavam-se a um modelo estrutural de quatro fatores, que incluía comportamentos de enfrentamento positivos, juntamente com comportamentos externalizantes menos saudáveis, como culpa e raiva, pensamento positivo e retraimento social.

Ao comparar os comportamentos de enfrentamento dessas meninas com aqueles usados por uma amostra de pessoas de baixa renda, predominantemente afro-americanas, que também sobreviveram ao furacão Katrina, os pesquisadores encontraram poucas semelhanças.

Em vez disso, os métodos de enfrentamento das meninas da paróquia de St. Tammany eram consistentes com os usados por jovens de classe média que foram afetados por um desastre diferente - o furacão Andrew, que atingiu as Bahamas, Flórida e Louisiana em 1992, disse Wegmann.

"Descobrimos que a cultura realmente importa em termos de como os adolescentes respondem a um desastre", disse Wegmann. "Alguns dos valores culturais associados à resiliência, como foco na comunidade e nos meios informais de apoio, são menos proeminentes entre as populações de classe média do que as populações de baixa renda.

"Os valores culturais da classe média e da demografia mais rica têm mais a ver com individualismo e responsabilidade pessoal, portanto o comunalismo que pode ajudar uma pessoa a se recuperar de um desastre simplesmente não existe", disse Wegmann.

Utilizando uma técnica de análise de dados chamada "modelagem de equações estruturais exploratórias", os pesquisadores descobriram que as estratégias comportamentais usadas pelas meninas da paróquia de St. Tammany também tinham relações complexas entre si.

Por exemplo, a estratégia de lidar com a tentativa de esquecer o problema, que estava associada principalmente à retirada social, também foi associada a pensamento positivo, culpa e raiva e enfrentamento positivo.

A compreensão de como e por que as vítimas de desastres utilizam diferentes métodos de enfrentamento e as influências que as diferenças demográficas podem ter em suas respostas são prejudicadas pela falta de ferramentas de avaliação consistentes e confiáveis, de acordo com os autores.

Desenvolver medidas eficazes e bem validadas que possam ser distribuídas facilmente e adaptadas para diferentes populações deve se tornar uma prioridade de pesquisa para ajudar melhor os sobreviventes de desastres com a recuperação, disseram Powell e Wegmann.

Overstreet forneceu o conjunto de dados que incluiu os alunos da paróquia de St. Tammany para uso no estudo atual, que foi publicado recentemente na revista School Mental Health.

FONTE: <https://news.illinois.edu/view/6367/712625>



Descobertas preliminares do forte estudo de Saint Thomas

Crianças que vivenciam desastres naturais correm o risco de desenvolver sintomas de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), ansiedade e depressão. Neste estudo, 109 crianças na 3ª-12ª série foram recrutadas em escolas privadas e públicas na ilha de Saint Thomas nas Ilhas Virgens dos EUA, onde dois furacões da categoria 5 atingiram em setembro de 2017. Três meses após os furacões, os participantes completaram questionários perguntou sobre suas experiências durante e após os furacões, seu apoio social, o uso de várias estratégias de enfrentamento e seu funcionamento psicológico atual. Quase metade (47 por cento) das crianças relataram níveis moderados ou graves de sintomas de TEPT, com 24 por cento relatando níveis clinicamente significativos de sintomas internalizantes (isto é, sintomas de ansiedade e depressão).

Em um nível de tendência, descobriu-se que as crianças que experimentaram mais experiências com risco de vida, mas não as experiências de perda de interrupção, apresentaram mais sintomas de TEPT. Crianças com níveis mais altos de sintomas de TEPT relataram níveis mais baixos de apoio social de pais, professores e suas escolas, mas nenhum link foi encontrado para o apoio social de amigos. Além disso, o uso de várias estratégias de enfrentamento (por exemplo, distração, isolamento social e resolução de problemas) foi associado a níveis mais altos de TEPT. Apenas a reestruturação cognitiva e a atenção plena estavam ligadas a níveis mais baixos de TEPT.

FONTE: <https://hazards.colorado.edu/quick-response-report/preliminary-findings-from-the-saint-thomas-strong-study>



A redução do risco centrada na criança tem impacto na segurança das famílias - Desenvolvimento e teste do conjunto de ferramentas de avaliação: Relatório de pesquisa

O objetivo desta pesquisa é compreender e identificar o potencial das abordagens de redução do risco de desastres centradas na criança para ter um impacto mensurável na redução e **resiliência** do risco das famílias. Os defensores da redução do risco de desastres promovem a educação de crianças, pais e professores para identificar perigos e riscos, aprender e implementar medidas de redução de riscos e desenvolver capacidade de resposta para lidar com os impactos.

Os administradores de educação geralmente esperam ou assumem que o aprendizado de atividades educacionais formais ou informais será repassado das crianças para os membros da família e / ou das comunidades para pais e filhos. No entanto, há muito pouca pesquisa sobre como a aprendizagem é compartilhada e que efeito a aprendizagem compartilhada tem sobre a redução de riscos domésticos e a preparação para respostas. Esta pesquisa tem como objetivo aprender o que a literatura de pesquisa tem a nos ensinar sobre a transmissão pais-filho do conhecimento e comportamento de segurança, e que tipos de abordagens têm as melhores perspectivas de impactos positivos e de longo prazo.

FONTE: https://resourcecentre.savethechildren.net/node/14169/pdf/ccrr_household_impacts_on_safety_report_eng_2018.pdf



Plano de desastre familiar: do conhecimento à ação

Esta ferramenta de fácil utilização orienta as famílias através do conhecimento e redução de seus perigos, preparando e planejando emergências, e aprendendo habilidades de resposta e de enfrentamento. O plano de desastre familiar é frequentemente usado em programas de educação sobre redução de risco de desastres em salas de aula para influenciar a redução de riscos domésticos.

FONTE: https://resourcecentre.savethechildren.net/node/14184/pdf/family_disaster_plan_tool_eng_2017.pdf



EUA: minorias étnicas e raciais enfrentam maior vulnerabilidade a incêndios florestais

Michelle Ma

Os desastres ambientais nos EUA geralmente atingem os grupos minoritários mais duramente.

Quando o furacão Katrina atingiu Nova Orleans em 2005, os moradores negros da cidade foram afetados desproporcionalmente. Seus bairros ficavam nas áreas baixas e menos protegidas da cidade, e muitas pessoas não tinham recursos para evacuar com segurança. Padrões semelhantes ocorreram durante furacões e tempestades tropicais desde então.

Incêndios florestais maciços, que podem estar se tornando mais intensos devido à mudança climática e uma longa história de políticas de combate a incêndios, também têm efeitos impressionantemente desiguais sobre as comunidades minoritárias, mostrou um novo estudo.

Pesquisadores da Universidade de Washington e The Nature Conservancy usaram dados do censo para desenvolver um "índice de vulnerabilidade" para avaliar o risco de incêndios florestais em comunidades dos EUA. Seus resultados, publicados em 2 de novembro na revista PLOS ONE, mostram que as minorias raciais e étnicas enfrentam vulnerabilidade a incêndios florestais em comparação com comunidades predominantemente brancas. Em particular, os nativos americanos são seis vezes mais propensos do que outros grupos a viver em áreas mais propensas a incêndios florestais.

“Uma percepção geral é que as comunidades mais afetadas pelos incêndios florestais são as pessoas ricas que vivem em comunidades rurais e suburbanas próximas a áreas florestais”, disse o principal autor do estudo, Ian Davies, um estudante de pós-graduação da UW School of Environmental and Forest Sciences. “Mas na verdade existem milhões de pessoas que vivem em áreas com alto potencial de incêndios florestais e são muito pobres, ou não têm acesso a veículos ou outros recursos, o que dificulta a adaptação ou a recuperação de um desastre florestal.”

Este estudo é um dos primeiros a integrar tanto o risco físico de incêndios florestais com a resiliência social e econômica das comunidades para ver quais áreas em todo o país são mais vulneráveis a grandes incêndios florestais. A abordagem leva 13 medidas socioeconômicas do censo dos EUA - incluindo renda, tipo de moradia, inglês fluência e saúde - para mais de 71.000 setores censitários em todo o país e sobrepõe-os com potencial de incêndios florestais baseados em tempo, atividade histórica de incêndio e combustíveis queimados na paisagem .

O mapa à direita mostra o potencial de incêndios florestais em todo o país, conforme determinado pelo Serviço Florestal dos EUA. Áreas vermelhas são mais propensas a queimar. O mapa da esquerda acrescenta a dimensão humana, incorporando fatores socioeconômicos na determinação da probabilidade de uma área se adaptar e se recuperar de um incêndio florestal. As áreas vermelhas destacam lugares onde as comunidades humanas são mais vulneráveis. ([Veja mais mapas estaduais e regionais](#))

Não há muitos estudos analisando os impactos sociais de grandes incêndios florestais, então os pesquisadores contaram com a literatura existente que examinou outros desastres ambientais, principalmente furacões, para identificar fatores socioeconômicos que contribuíram para a recuperação de um desastre. Alguns desses fatores incluem se uma pessoa está acima ou abaixo da linha da pobreza, se tem uma deficiência, se é idosa, possui um veículo e possui ou aluga sua casa.

Todos esses fatores e dados adicionais foram criados para criar um índice de vulnerabilidade que a equipe de pesquisa usou em combinação com as avaliações de potencial de incêndios florestais do Serviço Florestal dos EUA para determinar a vulnerabilidade de 71.901 setores censitários em todo o país.

"O argumento que nós e outros cientistas fizemos é que os desastres naturais não são completamente naturais - eles são produtos tanto do impacto ambiental quanto do contexto social, político e econômico em que o impacto ocorre", disse Davies.

No geral, mais de 29 milhões de americanos - muitos dos quais são brancos e economicamente seguros - vivem com um potencial significativo para incêndios extremos. No entanto, dentro desse segmento, cerca de 12 milhões de pessoas são consideradas "socialmente vulneráveis" a incêndios florestais com base nos fatores socioeconômicos avaliados neste estudo - e para quem um incêndio florestal pode ser devastador.

Além disso, eles descobriram que a vulnerabilidade dos incêndios florestais se espalha de forma desigual entre raça e etnia. As comunidades que são em sua maioria negras, hispânicas ou nativas americanas experimentam 50% mais vulnerabilidade a incêndios florestais em comparação com outras comunidades.

No caso dos nativos americanos, a mudança histórica forçada para reservas - principalmente áreas rurais remotas que são mais propensas a incêndios florestais - combinadas com maiores níveis de vulnerabilidade devido a barreiras socioeconômicas tornam especialmente difícil para essas comunidades se recuperarem após um grande incêndio florestal.

"Nossas descobertas ajudam a dissipar alguns mitos sobre os incêndios florestais - em particular, evitar o desastre é simplesmente uma questão de eliminar combustíveis e reduzir os riscos de incêndios, ou que o risco de incêndios florestais é restrito a comunidades rurais brancas", disse Phil Levin, professor sênior da UW. em ciências ambientais e florestais e cientista-chefe da The Nature Conservancy em Washington. "Podemos ver que os impactos de incêndios recentes foram exacerbados para os moradores de baixa renda que enfrentam a falta de moradias populares, por exemplo, e para os moradores hispânicos para quem o inglês não é sua primeira língua".

Enquanto os pesquisadores investigavam seus resultados, eles corroboraram suas descobertas com notícias de eventos específicos de incêndios florestais. Por exemplo, eles descobriram que, na temporada de incêndios florestais de 2017, agências de emergência em cidades de toda a Califórnia lutavam para liberar informações bilíngües oportunas e corretas. Durante os incêndios florestais de 2014 no leste e centro de Washington, as barreiras linguísticas também impediram que os trabalhadores rurais hispânicos recebessem alertas de evacuação das autoridades, e a única estação de rádio em espanhol na área supostamente nunca recebeu a notificação de emergência.

Os pesquisadores esperam que esses resultados amplos em todo o país gerem estudos mais detalhados, focados em comunidades individuais e seu risco de incêndios florestais. Mas igualmente importante, dizem eles, é que as organizações e municípios levem esses fatores socioeconômicos em consideração ao ajudar suas comunidades a se prepararem para incêndios florestais. Oferecer programas de custeio aos moradores para preparar suas casas para incêndios florestais, distribuir avisos de evacuação em vários idiomas e criar empregos focados no desbaste de florestas locais ou na limpeza de mato inflamável são maneiras pelas quais as comunidades podem reduzir sua vulnerabilidade a incêndios florestais, disseram.

"Eu acho que a questão é, como fazemos esses tipos de atividades que são, em última instância, construir comunidades e torná-las atraentes e úteis para as pessoas que estão ocupadas e preferem usar o tempo livre que gastam com suas famílias? Disse Levin. "Eu acho que, em última análise, é sobre conexões, construir relacionamentos e derrubar barreiras culturais que nos levarão a um melhor resultado."

Outros co-autores são Ryan Haugo e James Robertson da The Nature Conservancy.

Este estudo foi financiado pela The Nature Conservancy.

FONTE: <http://www.washington.edu/news/2018/11/02/racial-ethnic-minorities-face-greater-vulnerability-to-wildfires/>



EUA: Especialistas em UI, funcionários de Dubuque melhoram a resiliência de inundação da cidade uma casa de cada vez

Por Lynn Anderson Davy

Uma parceria inigualável entre o Iowa Flood Center, na Universidade de Iowa e a cidade de Dubuque, está ajudando os moradores que vivem em áreas propensas a enchentes a reparar e inundar suas casas, proporcionando saúde, educação e e apoio social para ajudá-los a construir um futuro mais seguro.

Desde 2016, o Programa de Resiliência de Casas Saudáveis da Divisão de Abelha ajudou 51 famílias de Dubuque a fazerem reparos e reformas necessários para manter as famílias seguras e secas durante os eventos de inundação. As autoridades da cidade esperam ajudar um total de 300 proprietários antes que o financiamento acabe e o pôr do sol do programa em 2021.

O programa faz parte da Abordagem da Bacia Hidrográfica de Iowa, um projeto plurianual de prevenção e resiliência a inundações amplamente concebido e desenvolvido pelo Iowa Flood Center da IU. Os especialistas do Flood Center alavancaram sua expertise técnica e abordagem inovadora de mitigação de inundações para ajudar o estado a garantir a doação federal de US \$ 96 milhões em 2016. Desde então, o Iowa Flood Center, outras universidades estaduais de Iowa e organizações estaduais e locais vêm trabalhando com comunidades em nove bacias propensas a inundações, incluindo o Bee BranchCreek de Dubuque.

O projeto de Dubuque se distingue dos outros projetos de bacias hidrográficas, pois tem um foco muito mais intenso no lado humano da resiliência à inundação. Os participantes do Programa de Resiliência em Casas Saudáveis da Divisão de Abelhas de Dubuque obtêm mais do que ajuda com reparos domésticos: eles também se conectam a recursos como treinamento profissional, assistência a crianças e assistência médica.

“Analisamos todos os desafios que uma família pode enfrentar para se tornar mais resiliente a inundações, e isso significa que enxergamos além dos desafios físicos de proteger uma casa ou uma unidade de aluguel”, diz Sharon Gaul, coordenador de resiliência da Divisão de Abelhas. Programa. “Quando entramos em uma casa, pedimos aos moradores que compartilhem alguns detalhes bastante íntimos sobre sua vida e que tipo de desafios pessoais eles enfrentam.”

Trabalhando para diminuir o dano de inundação

Nos últimos anos, Dubuque foi atormentado por inundações severas, resultando em um número significativo de casas dentro da bacia do Bee Branch precisando de reformas. Nos casos em que os residentes ou proprietários não podem pagar reparos e atualizações, o programa Casas Saudáveis oferece assistência.

Os participantes recebem um empréstimo perdoável de cinco anos; concordar em comprar seguro residencial e, em alguns casos, seguro contra inundações; e se comprometer a permanecer em suas casas por um período mínimo de cinco anos.

“Começamos a fazer pedidos há cerca de um ano e, até agora, recebemos 450 consultas”, afirma Gaul. “Nossa esperança é que possamos reparar pelo menos 300 dessas unidades nos próximos três anos. Temos uma lista de espera, mas é um bom sinal de que as pessoas estão ouvindo sobre o programa e cuidando de reparos que não poderiam fazer sozinhos.”

Especialistas em UI que estudam a recuperação de enchentes e a resiliência dizem que a abordagem que Dubuque está tomando para melhorar os bairros propensos a inundações, assim como a vida das pessoas que vivem lá, é única. Eles dizem que a maioria dos programas se concentra na reconstrução de áreas desabrigadas e no reforço dos sistemas de gerenciamento de águas pluviais, uma abordagem que muitas vezes negligencia o aspecto humano da recuperação de desastres.

"Há uma dependência de ciência e tecnologia para nos salvar de desastres de inundação", diz Eric Tate, professor de geografia da UI, cuja experiência é a mitigação e resiliência a riscos de inundação. "Tomemos por exemplo Houston e o furacão Harvey. A cidade certamente irá atualizar sua infraestrutura de águas pluviais, mas eles vêm fazendo isso há décadas e as perdas de inundação continuam subindo, então essa não é claramente a única solução."

A outra parte da solução, diz Tate, é que governos locais e organizações sem fins lucrativos apoiem populações carentes, que freqüentemente são mais afetadas por desastres para diminuir os impactos de inundações severas e melhorar sua qualidade de vida em geral.

"Há uma forte razão para se concentrar em populações vulneráveis, bem como um forte argumento moral para isso", diz Tate. "Em Dubuque, estamos nos concentrando em ajudar as pessoas que estão em maior risco durante uma inundação, em grande parte porque elas têm menos recursos para proteger suas casas e sua saúde. A longo prazo, não é apenas uma solução equitativa para mitigar riscos, mas também econômica."

Como pesquisador que estuda os esforços de resiliência à inundação em todo o país, Tate diz que está animado em ver uma cidade lidando diretamente com essas dimensões sociais. Ele também está entusiasmado com o papel da universidade no projeto. "O fato de a Universidade de Iowa poder fazer parte do projeto de Dubuque, e ser parceira da cidade sob a perspectiva de pesquisa, faz deste um tipo muito diferente de programa de resiliência a inundações", diz ele.

Vizinhos, ajudando, vizinhos

O morador de Dubuque, Allyson Noel, costumava temer o som de água pingando porque isso significava que o porão de sua casa de pedra de 1924 estava começando a se encher de água.

A água iria infiltrar-se no porão depois de uma forte chuva ou inundações em algum lugar ao longo do Creek Bee Branch. Como resultado, o porão inacabado de Noel muitas vezes era inutilizável, e ela não conseguia acessar sua máquina de lavar e secar roupa, que ela tinha que colocar em blocos de concreto para se manter acima da água. Seu forno, também localizado no porão, enferrujou e parou de funcionar, criando uma pressão financeira para a jovem mãe.

"Quando o aquecedor parou de funcionar, eu estava esperando meu segundo filho", diz Noel. "Não havia como eu ter US \$ 5.000 para gastar em uma nova unidade de aquecimento."

Mais ou menos nessa época, Noel recebeu um cartão postal da cidade promovendo o Programa de Resiliência de Casas Saudáveis da Divisão Bee. Intrigada, ela apresentou a papelada necessária para participar e logo soube que a renda e a localização de sua casa na bacia hidrográfica do Ramo Bee tornavam-na elegível para receber um empréstimo perdoável para impermeabilizar seu porão e substituir e atualizar o forno quebrado.

O trabalho em sua casa era especialmente importante, diz ela, porque seus dois filhos têm problemas de saúde que podem ser exacerbados pela umidade, mofo e bolor.

"Desde que o trabalho foi feito, não há água no porão, nem uma gota", diz Noel. "Estou definitivamente grato. Apenas mantendo o porão seco é uma grande melhoria, e é muito mais seguro para os meus filhos. É mais saudável para todos nós".

Do outro lado da cidade, Melvin Keys, morador de Dubuque, também é grato por um lar saudável, que ele compartilhou com sua esposa por 13 anos. Keys diz que a inundação crônica de seu porão e o custo dos reparos dessas enchentes quase forçaram ele e sua esposa a vender a casa e mudar-se para outro lugar. Mas o Programa de Resiliência em Casas Saudáveis tornou possível ficar.

"Eu substituí o carpete no porão três vezes, e perdemos pertences pessoais no valor de mais de US \$ 10.000", diz Chaves. "Eu estava prestes a sair daqui. Eu não queria sair, mas não aguentava mais o dano.

Através do programa de resiliência, Keys e sua esposa receberam um empréstimo perdoável para impermeabilizar seu porão e fazer melhorias em seu quintal e beco para evitar que a água da chuva caísse em sua casa. Hoje, quando começa a chover, Keys, que sofre de vários problemas de saúde, não se preocupa com a limpeza desordenada.

"Agora eu posso realmente aproveitar minha casa e antes que eu não pudesse fazer isso porque eu estava sempre preocupada em tirar a água", diz Keys.

As famílias e os indivíduos que participam do programa Casas Saudáveis são comparados com defensores que os ajudam a navegar nos reparos e reformas e também os conectam com apoio educacional, de saúde e social, como

aconselhamento em saúde mental, treinamento profissional e aulas ou atividades depois da escola. crianças em idade escolar.

Amy Smith trabalhou como defensora dos residentes inscritos no programa por cerca de dois anos e diz estar agradecida por poder ajudar as pessoas a melhorarem suas vidas.

“Com cada família, fazemos uma avaliação abrangente que abrange tudo, desde a saúde dos membros da família até fatores ambientais, como a presença de mofo, bolor e rascunhos, coisas desse tipo”, diz Smith. “Cada situação familiar é um pouco diferente, e algumas situações são difíceis, mas gosto de passar tempo com as famílias e descobrir quais são seus objetivos e como podemos ajudá-los a alcançá-los.”

Usando dados para melhorar a resiliência

À medida que o trabalho continua na bacia hidrográfica do Bee Branch, os estudantes de pós-graduação da Tate and UI continuarão a analisar os dados e as experiências das entrevistas dos participantes do Healthy Home, bem como representantes da Gália e de serviços sociais em Dubuque. Tate e outros da interface do usuário estão trabalhando com a Gália para criar avaliações e questionários dos participantes. Até o final da concessão federal, a Tate e a Gália esperam ter dados suficientes para avaliar o sucesso do programa e fazer recomendações sobre os futuros esforços de resiliência a enchentes.

“Nós realmente nos apoiamos no Iowa Flood Center na Universidade de Iowa e sua equipe de pesquisa para nos ajudar a gerar avaliações e depois trabalhar com nossos defensores para ver que mistura de questões funciona e quanto tempo eles precisam gastar com as famílias para realmente dar-nos esses dados valiosos para que possamos continuar fazendo este trabalho”, diz Gaul. “Eu acho que é uma abordagem inovadora para trazer o ensino superior e pesquisa para estudar a resiliência à inundação em uma escala muito maior.”

Outro elemento único da parte de pesquisa do programa Casas Saudáveis é a oportunidade de comparar os padrões de resiliência a inundações urbanos e rurais, diz Tate.

“Temos uma compreensão geral das populações que tendem a ser mais vulneráveis às inundações, mas não temos realmente uma noção de quais circunstâncias são mais importantes do que outras”, diz Tate. “Por exemplo, a pobreza é um fator mais importante que a deficiência física ou a falta de proficiência linguística? Temos que descobrir qual é a relação entre essas coisas. Em Dubuque, temos a oportunidade de observar de perto os fatores causais”.

Um grande fator no sucesso dos programas Healthy Homes e Iowa Watershed Approach são as conexões pessoais desenvolvidas entre especialistas em UI, autoridades locais e membros da comunidade, diz Ashlee Johannes, coordenadora do programa de resiliência de enchentes do Iowa Flood Center para a bacia hidrográfica estadual. projeto.

“O melhor de tudo é que temos muitos parceiros neste projeto e muitos interessados locais que são muito engajados e interessados”, diz ela. “Realmente esperamos que essas relações continuem a se fortalecer e crescer para que juntos possamos continuar a fazer um bom trabalho em nossas bacias hidrográficas de Iowa, sejam elas rurais ou urbanas”.

Inundações em Dubuque

A cidade de Dubuque, localizada ao longo do rio Mississippi, é significativamente afetada por inundações repentinas e inundações recorrentes. Em 2001, para tentar proteger a cidade de inundações recorrentes, os funcionários municipais adotaram um plano mestre de bacia de drenagem maciça. Mas depois de uma série de intensas inundações nos anos que se seguiram, autoridades municipais revisaram o plano, adicionando mais recursos de resiliência, incluindo a abertura de um trecho de uma seção anteriormente fechada de Bee BranchCreek. Mais da metade dos moradores da cidade vive na bacia hidrográfica do Bee Branch, uma área que também inclui bairros históricos e grande parte do estoque habitacional acessível da cidade.

Em 2013, as autoridades municipais receberam US \$ 98,5 milhões em financiamento estadual de incremento de imposto de vendas do Iowa FloodMitigation Board, e em 2016, a cidade recebeu US \$ 31,5 milhões em fundos federais como parte do programa de US \$ 96 milhões da Iowa Watershed Approach, uma iniciativa colaborativa estadual que inclui o Iowa Flood Center, na Universidade de Iowa e muitos outros parceiros estaduais e locais. Os fundos estão sendo usados para fazer nove bacias hidrográficas de Iowa, incluindo o Ramo de Abelhas de Dubuque, mais resistentes a inundações e resistentes, com grande parte do trabalho sendo feito por líderes comunitários locais, proprietários de terras e residentes.

FONTE:<https://now.uiowa.edu/2018/10/ui-experts-dubuque-officials-improve-citys-flood-resilience-one-home-time>

EVENTOS



PUCPR realiza I Seminário Paranaense de Pesquisa em Redução de Risco de Desastre

Evento está com inscrições abertas até dia 04 de novembro

Com objetivo de promover a reflexão acerca da área da Redução de Risco de Desastre (RRD), vai acontecer na PUCPR, entre os dias 7 e 9 de novembro, o SEREDE (I Seminário Paranaense de Pesquisa em Redução de Risco de Desastre).

Por meio de palestras, apresentação de trabalhos e pôsteres, o evento possibilitará uma discussão aprofundada da RRD em um contexto atualizado, global e diversificado. Serão apresentadas as pesquisas coordenadas pelo Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres – CEPED/PR com o apoio da Companhia de Saneamento do Paraná – SANEPAR, por meio do Termo de Cooperação realizado em 2016.

As submissões de trabalhos vão até o dia 10 de outubro (próxima quarta-feira) e o retorno será feito no dia 20. Já as inscrições serão estendidas até 04 de novembro. No site oficial do evento já é possível visualizar a programação de palestras para os três dias.

FONTE: <https://www.pucpr.br/escola-de-arquitetura-e-design/2018/noticias/i-seminario-paranaense-de-pesquisa-em-reducao-de-risco-de-desastre/>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>